

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Bruno Simões Stephan

OCUPAUFJF.DOC

Documentário

Juiz de Fora
Agosto de 2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Simões Stephan, Bruno.

OcupaUFJF.doc / Bruno Simões Stephan. -- 2016.

48 f.

Orientador: Eduardo Sérgio Leão de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016.

1. Ocupação. 2. Movimento Estudantil. 3. Universidade Pública. I. Leão de Souza, Eduardo Sérgio, orient. II. Título.

Bruno Simões Stephan

OCUPAUFJF.DOC

Documentário

Memorial descritivo apresentado ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Eduardo Sérgio Leão de Souza

Juiz de Fora
Agosto de 2016

Bruno Simões Stephan

OcupaUFJF.doc
Documentário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Eduardo Sérgio Leão de Souza

Aprovado pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Ms. Eduardo Sérgio Leão de Souza (FACOM/UFJF) - orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (FACOM/UFJF) – convidado

Profa. Dra. Claudia de Albuquerque Thomé (FACOM/UFJF) - convidado

Conceito obtido: APROVADO

Juiz de Fora, 04 de Agosto de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha irmã Bárbara Simões Stephan, minha mãe Teresa Cristina Simões Stephan, e meu pai, Arlindo Antônio Stephan, pelo apoio incondicional. Aos meus amigos de infância e de faculdade. À Mari e ao JG.

E se não resistir / E desocupar / Entregar tudo
pra ele, então, o que será?

(CRIOLO, 2014)

RESUMO

Este trabalho é um relatório do documentário “OcupaUFJF.doc”. O estudo se inicia com uma análise histórica da importância do Movimento Estudantil para a sociedade brasileira, chegando à realidade atual das lutas pelos direitos estudantis na Universidade Federal de Juiz de Fora. A garantia do apoio estudantil, maior transparência nas contas da universidade e a humanização da segurança no campus são algumas das pautas que nortearam o movimento. O documentário busca, através de depoimentos dos estudantes, compreender quais fatores levaram à ocupação da reitoria no ano de 2015, bem como seus impactos para o ensino público de qualidade.

Palavras-chave: Movimento Estudantil, Ocupação, Direitos Estudantis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O MOVIMENTO ESTUDANTIL	11
2.1 ANÁLISE	11
2.2 DURANTE A DITADURA MILITAR	12
2.3 ATUAÇÃO NAS DIRETAS JÁ	13
2.4 OS CARAS-PINTADAS	15
2.5 ATUALIDADE	16
3 O GÊNERO DOCUMENTÁRIO	19
3.1 OS TIPOS DE DOCUMENTÁRIOS	20
4 O MOVIMENTO OCUPA UFJF	25
4.1 FORMAÇÃO E PAUTAS	25
4.2 OCUPAÇÃO COMO REINVINDICAÇÃO POLÍTICA	26
4.3 AÇÕES E DIÁLOGOS	27
4.4 CARTA-COMPROMISSO	28
5 DA CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO AO PRODUTO FINAL	29
5.1 ALTERAÇÕES INICIAIS	29
5.2 TÉCNICAS E EQUIPAMENTOS UTILIZADOS NA GRAVAÇÃO	29
5.3 ENTREVISTAS	30
5.4 ROTEIRO E MONTAGEM FINAL	31
6 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	37
ANEXO A – ROTEIRO	38
ANEXO B – CARTA-COMPROMISSO	43

1 INTRODUÇÃO

Os estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia 18 de maio de 2015, decidiram, em assembleia estudantil, ocupar a reitoria da UFJF, devido aos cortes no pagamento de bolsas de Apoio Estudantil, ao desrespeito com estudantes por parte da segurança da instituição e por bandeiras como transparência nas contas públicas e agilidade na entrega da Moradia Estudantil. O movimento Ocupa UFJF nascia num momento de crise econômica e política no cenário local e nacional.

Na tentativa de estabilizar as dívidas da conta pública, o governo federal da presidente Dilma Rouseff, no início do ano de 2015, anunciou o corte de R\$ 22,7 bilhões no ano para seus ministérios. Um dos ministérios com maior orçamento, a Educação perdeu R\$ 9 bilhões - corte pouco coerente ao recém adotado lema do governo, “Brasil, Pátria Educadora”.

Na UFJF, a recém assumida gestão do reitor Júlio Chebli, sucessor da gestão do reitor Henrique Duque, sofria questionamentos em diversas esferas – referentes a denúncias ao reitor Henrique Duque ao Ministério Público Federal; à realização de contrato com construtora que realizou obras com trabalho análogo ao escravo; à falta de transparência das contas da universidade; à baixa participação da comunidade acadêmica nas decisões de sua gestão; a questionamentos referentes à prioridades de obras; ao atraso na entrega da moradia estudantil; à raridade da presença do reitor na universidade, entre outros tópicos.

Os estudantes se encontravam sem Diretório Central dos Estudantes (DCE), visto que a gestão eleita em 2014 tinha sido destituída devido à comprovação de fraude no processo eleitoral. Nesse caótico cenário, coube a uma Assembleia Estudantil realizada no dia 18 de maio votar pela ocupação do espaço físico da reitoria da universidade, bem como a criação do movimento Ocupa UFJF. Os dias que se seguiram seriam de incontáveis assembleias, a definir as pautas do movimento, seus rumos e objetivos.

O movimento, dentre seus triunfos, conquistou um auxílio-emergencial aos estudantes que haviam tido o pagamento de suas bolsas suspensos, garantindo um mínimo necessário para a concretização do direito do estudante de acesso à universidade. Apesar dos avanços na entrega da Moradia Estudantil e da adesão de políticas para acessibilidade de transexuais na universidade, a maior parte dos termos firmados com a gestão da reitoria não foram cumpridos.

2 O MOVIMENTO ESTUDANTIL

2.1 ANÁLISE

O movimento estudantil é composto por estudantes de universidades e instituições de ensino, norteados, em cada instituição, por DCEs (Diretório Central dos Estudantes), DAs (Diretório Acadêmico) e CAs (Centro Acadêmico). No cenário nacional, os estudantes são representados pela UNE (União Nacional dos Estudantes), e em cenário estadual, pela UEE (União Estadual dos Estudantes).

O início do movimento estudantil brasileiro teve suas origens no final do período Colonial. Mesmo que de maneira informal, os estudantes que vinham das universidades do exterior, ao chegar ao Brasil, envolviam-se nos debates acerca dos acontecimentos sociais. Impulsionados pelos ideais iluministas que aspiravam nos países da Europa, os filhos dos senhores de engenho foram os precursores na representação de estudantes. Contudo, esses iniciantes faziam parte de uma minoria, o que tornava essa representação pouco legitimada e, na maioria das vezes, individual. (FIEGEMBAUM, 2012, p.33)

Analisar o movimento estudantil é antes de tudo, analisar um movimento plural, capaz de se expressar através de vários grupos que se potencializam no cotidiano da condição estudantil. Pode-se afirmar que este movimento não se limita a suas organizações estudantis e formais, mas se manifesta na própria dinâmica de criação de interesses e pautas que – transformadas diariamente pela realidade estudantil, pelas relações universitárias e pela sociedade civil – pode ser capaz de mobilizar os estudantes. O que se percebe não é a existência de um movimento estudantil unitário, mas movimentos estudantis que se relacionam.

O desenvolvimento do movimento estudantil no país está ligado a taxa de expansão das faculdades e universidades, relacionada a interesses governamentais.

A grande maioria dos estudiosos da universidade, no Brasil, concorda em um ponto: a instalação de escolas superiores e, posteriormente, das universidades, no país foi tardia e esse retardamento está intimamente ligado ao atraso relativo de Portugal e/ou ao desinteresse da Metrópole em instalar escolas de nível superior na Colônia. A criação das primeiras escolas superiores no Brasil ocorreu somente no início do século XIX, a partir de 1808, com a chegada da Família Real. Enquanto isso, em

outros países da América Latina, de colonização espanhola, as primeiras escolas superiores foram fundadas já no início do século XVI. (CAMACHO, 2005, p.107)

Ao fim da década de 1950, o país passou por uma expansão do ensino superior público, com a criação de novas faculdades e universidades. Num país em desenvolvimento, o acesso ao ensino superior passou a ser condição para acelerar o processo de modernização, ao mesmo tempo em que abriria caminhos para a mobilidade e ascensão social.

A expansão do ensino superior resultou em um aumento progressivo da oferta de vagas, que foram preenchidas por jovens provenientes, sobretudo, dos estratos médios da sociedade. As matrículas cresceram a uma taxa média de 12,5% ao ano. As estatísticas ilustram o tamanho do aumento: em 1945, a universidade brasileira contava com 27.253 estudantes; o total saltou para 107.299, no ano de 1962; em 1968, o número dobrou novamente, chegando a 214 mil¹.

O aumento do número de estudantes coincidiu com o crescimento e a consolidação de novas correntes políticas no meio universitário. Na primeira metade dos anos 1960, a chamada "Reforma da Universidade" consistiu na mais importante luta do movimento estudantil, discutindo o papel social da universidade e seus rumos.

2.2 DURANTE A DITADURA MILITAR

Na segunda metade da década de 1960 e na década 1970, o movimento estudantil brasileiro foi importante foco de resistência e mobilização social à ditadura civil-militar. Suas reivindicações, protestos e manifestações influenciaram os rumos da política. Os estudantes protestavam por causas específicas como a ampliação de vagas nas universidades públicas, por melhores condições de ensino, contra a privatização e também em defesa das liberdades democráticas e por justiça social.

¹ Dados do portal UOL Educação <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/movimento-estudantil-o-foco-da-resistencia-ao-regime-militar-no-brasil.htm> Acesso em 19/07/2016 às 15:04

Em março de 1968, o estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto foi morto pela polícia militar no Rio de Janeiro durante um protesto, acontecimento que causou grande comoção popular e marcou o início de intensas mobilizações contra o regime. Com receio de que a Polícia Militar ocultasse o cadáver de Edson Luís, os estudantes o levaram para ser velado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. A notícia da tragédia havia se espalhado e mais de 50 mil pessoas tomaram as ruas. A UNE decretou greve geral; entidades estudantis de vários estados solidarizavam-se com o ato; sindicalistas, artistas, religiosos e intelectuais demonstravam apoio ao movimento. Em junho do mesmo ano, a chamada “Passeata dos 100 mil” marcou a história da resistência e teve participação expressiva de estudantes.

Entre 1968 e 1978, sob o AI-5 e a Lei de Segurança Nacional de 1969, ocorreram os chamados Anos de Chumbo. Este período foi marcado por um Estado de Exceção com controle sobre a mídia e a educação, censura sistemática, prisão, tortura, assassinato e desaparecimento forçado de opositores do regime.

Em 1974, começaram a surgir os primeiros sinais da recuperação do movimento estudantil. A nova geração de estudantes, que militou e liderou as frentes universitárias da década de 1970, teve pela frente o árduo trabalho de reconstruir as organizações estudantis. O Congresso de Reconstrução da UNE aconteceu em Salvador, em 1979, e as principais pautas consistiam na reivindicação de mais recursos para as universidades; na defesa do ensino público e gratuito; e no pedido de libertação de estudantes presos do Brasil.

2.3 ATUAÇÃO NAS DIRETAS JÁ

Com o fim da ditadura militar, o movimento estudantil voltou às ruas para defender suas bandeiras e a consolidação da democracia no país. Em 1984, estudantes

participaram ativamente da Campanha das “Diretas Já”, com manifestações e intervenções importantes nos comícios populares.

“Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil.” - Com essas palavras de ordem, e sob a chuva que castigava a praça da Sé, ganhou corpo a maior manifestação política da história brasileira: a campanha pela eleição direta para presidente, as Diretas Já. Estima-se que 300 mil pessoas participaram do comício de 25 de janeiro de 1984.

A campanha começara no ano anterior, assim como a Proposta de Emenda Constitucional número 5, do deputado federal Dante de Oliveira. Pela emenda, o presidente da República seria eleito por voto direto, e não pelo Colégio Eleitoral – que reunia os congressistas e mais seis membros da bancada majoritária em cada Assembléia Legislativa.

Para entender o papel da campanha é preciso olhar para o quadro geral do período. “Havia a combinação de dois fatores: uma profunda aspiração democrática, represada por anos de repressão, e a insatisfação com o regime decorrente da crise econômica deflagrada no início dos anos 80”, analisa André Singer, professor de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP).

Mesmo realizando uma enorme pressão para que as eleições diretas fossem oficializadas, os deputados federais da época não se sensibilizaram diante dos apelos. Dessa forma, por uma diferença de apenas 22 votos e um vertiginoso número de abstenções, o Brasil manteve o sistema indireto para as eleições de 1985. Para dar a tal disputa política uma aparência democrática, o governo permitiu que civis concorressem ao pleito. Em 15 de janeiro de 1985, ocorreram eleições indiretas e Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil. Porém, em função de uma doença, Tancredo faleceu antes de assumir o cargo. Sendo assim,

seu vice, José Sarney, tornou-se o primeiro presidente civil após o regime de Ditadura Militar (1964-1985).

As eleições diretas para presidente do Brasil só ocorreriam em 1989, após o voto direto, secreto e obrigatório ser estabelecido como lei na Constituição de 1988.

2.4 OS CARAS-PINTADAS

A eleição de 1989 assumiu um significado importante na história do país. Nela, foi eleito Fernando Collor de Mello, com uma plataforma de combate à hiperinflação, moralização e caça aos corruptos, que ficaram popularmente conhecidos como "marajás" - termo bradado à exaustão pelo eleito presidente e seus apoiantes.

Pouco depois, porém, o governo no qual muitos brasileiros colocaram suas esperanças começou a mostrar falhas estruturais. O Plano Collor de contenção da inflação foi um desastre completo, causando pânico no povo, além de gerar denúncias de corrupção, com declarações vindas do próprio irmão do presidente, Pedro Collor de Mello.

Devido aos acontecimentos que abalavam o governo do então presidente Collor, multidões de jovens – adolescentes, em sua maioria - saíram às ruas de todo o país com os rostos pintados em protesto. Ficou conhecido, então, no Brasil inteiro, o movimento dos "caras-pintadas", no início da década de 90.

No dia 29 de dezembro de 1992, a Câmara dos Deputados votou a favor do processo de impeachment. Foram 448 votos a favor, 38 contra, 23 ausentes e apenas uma abstenção.

O presidente do Brasil renunciou ao cargo para preservar os direitos políticos. Porém, o Congresso Nacional realizou o julgamento, mesmo após a renúncia, na inércia dos acontecimentos e evitando desgaste junto à sociedade mobilizada.

2.5 ATUALMENTE NA UFJF

Em 2009, a União Nacional dos Estudantes deixou de ser a única entidade nacional em defesa dos estudantes, a partir da fundação da Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL). O recém fundado órgão considera a UNE “totalmente atrelada ao governo federal, pois recebe milhões de reais do Estado todos os anos. Sem independência financeira e política, ela passou a defender todos os ataques do governo à educação e à juventude. Hoje, a UNE passou a ser um “ministério estudantil”, que não fala mais em nome dos estudantes, e só representa o velho movimento estudantil”.¹

Em junho de 2013, o Brasil se viu a frente de uma onda de manifestações populares organizadas pela juventude do país. O movimento, que nasceu a partir do aumento de 20 centavos no preço do transporte público de São Paulo, tinha como bandeira inicial a gratuidade do transporte público, bandeira do Movimento Passe Livre. Outras pautas foram agregadas, como o descontentamento com a corrupção no país e os gastos com a Copa do Mundo de 2014. A explosão popular nas manifestações, no entanto, veio após a forte repressão policial sofrida pelos manifestantes em São Paulo. Como forma de legitimar o ato e dar visibilidade as pautas, o movimento se espalhou pelo país, sendo a maior manifestação popular brasileira desde os caras-pintadas.

Na UFJF, o Movimento Estudantil no ano de 2015 sofreu um forte baque após a comprovação de fraude no processo eleitoral para eleição do Diretório Central dos Estudantes. Desde então, o Conselho de CAs e DAs (CONCADA) se posicionou como instância representativa dos estudantes. Diversas datas foram convocadas para novas eleições, porém fatores como a greve dos técnico-administrativos e as eleições para reitor inviabilizaram as eleições em tempo hábil.

¹ Trecho retirado do site <http://anelonline.com/quem-somos>, acesso em 18/02/2016 às 04:20

Para além da ausência de DCE, havia a descrença do estudante da UFJF nas atuais correntes do movimento estudantil.

Burocratizado, hierarquizado, centralizador, partidarizado, ultrapassado... Estas são algumas das representações (inclusive dos militantes) acerca do movimento estudantil que, de certa forma, se cristalizam enquanto justificativas do distanciamento entre os estudantes e suas entidades. Como uma das temáticas mais debatidas e refletidas por estes nos últimos anos, a questão da representatividade do movimento estudantil vem sendo uma preocupação constante. (MESQUITA, 2003, p.118)

A descrição de Mesquita ainda é atual no cenário do movimento estudantil. De um lado, estudantes organizados em grupos partidários (UNE como braço do Partido dos Trabalhadores, ANEL como braço do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados, UJS como braço do Partido Comunista do Brasil) na luta pelo voto dos demais estudantes, para legitimar gestões em DAs, CAs e DCEs, aumentando suas representatividades em suas esferas, como congressos unificados; do outro, o estudante desvinculado de grupos políticos, que compreende a necessidade de serem realizados atos específicos para a resolução de pautas pontuais, mas vê com desinteresse os atos convocados pelos grupos organizados, mesmo quando a pauta lhe é de interesse.

O movimento Ocupa UFJF veio como o meio termo necessário para movimentar os estudantes da universidade. A proposta de organização, horizontal e apartidária, convidava para o ato alunos que jamais haviam participado do movimento estudantil, e que agora poderiam integrar suas vozes e opiniões ao movimento sem a ideia de vínculo necessário a bandeiras partidárias - que não lhes representam, em muitos casos. De outro lado, agregava também os militantes partidários, que possuíam experiência e conhecimento necessário acerca do funcionamento da universidade pública e dos direitos estudantis.

3. O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

Para a produção da peça audiovisual OcupaUFJF.doc, utilizamos como base conceitos e questões levantados pelo autor Bill Nichols (2005), como as definições de documentário:

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de preparação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (...) A definição de “documentário” não é mais fácil do que a de “amor” ou de “cultura”. (...) A definição de “documentário” é sempre relativa ou comparativa. (...) Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2005, p. 26-47)

Além da definição, a obra se fundamenta também em preceitos éticos descritos por Nichols:

O que fazer com as pessoas? Formulada de outra maneira, a pergunta é “que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?”. A maioria de nós acha que um convite para atuar num filme é uma oportunidade desejável, e mesmo invejável. E se o convite não for para atuarmos num filme, mas para estarmos no filme, para sermos nós mesmos no filme? O que os outros pensarão de nós? Como nos julgarão? Que aspectos de nossa vida podem ser revelados e que não previmos? Que pressões, sutilmente indicadas ou abertamente declaradas, entram em jogo para modificar nossa conduta e com que consequências? Essas perguntas têm várias respostas, de acordo com a situação, e são um tipo diferente das propostas pela maioria das ficções. Elas fazem recair uma parcela de responsabilidade diferente sobre os cineastas que pretendem representar os outros em vez de retratar personagens inventados por eles mesmos. Essas questões adicionam ao documentário um nível de reflexão ética que é bem menos importante no cinema de ficção. (NICHOLS, 2005, p. 32)

Complementar à obra de Bill Nichols, o livro “Mas afinal... o que é mesmo documentário?” de Fernão Pessoa Ramos, norteou a produção do documentário. Em sua obra, Ramos (2008) define o documentário como:

Uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala, para quais olhamos em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. (RAMOS, 2008, p. 22)

A asserções (afirmações, alegações, proposições enunciadas como verdadeiras) descritas por Ramos (2008), sempre presentes nos documentários, são parte do que difere o gênero da ficção, conforme por ele explicado.

Ao contrário da ficção, o documentário estabelece asserções ou proposições sobre o mundo histórico. São duas tradições narrativas distintas, embora muitas vezes se misturem. (...) Quando vemos um filme de ficção, nos propomos a nos *entreter* com um universo ficcional e seus personagens, levando adiante uma ação ficcional. Não vemos *Star Wars* [*Guerra nas estrelas*], 1977-2004 (...) em busca de asserções sobre o mundo. Vamos ao cinema para nos entreter com um universo ficcional, conforme nos é proposto pela narrativa. Entreter-nos deve ser entendido em seu sentido amplo, não exclusivamente de entretenimento. Entreter-nos com um universo ficcional significa estabelecermos (entretermos) hipóteses, relações, previsões sobre os personagens, suas personalidades e ações verossímeis que lhes cabem, e com eles estabelecer empatias emotivas (emoções). (RAMOS, 2008, p 22-24)

Para além dos conceitos e questões éticas, para o processo de roteiro e montagem do documentário seguimos técnicas discutidas por Sérgio Puccini (2007):

Outra peculiaridade do filme documentário, quanto a seu trabalho de roteirização, se liga ao fato de muitos documentários serem “resolvidos” em sua fase de pós-produção. Aqui a referência imediata recai mais sobre os filmes que se apegam ao estilo do documentário direto. Nessa etapa, de pós-produção do filme, faz-se necessária a escrita de um roteiro que oriente a montagem, um roteiro de edição. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme (lembrando que essa atividade normalmente é acompanhada de perto pelo diretor). (PUCCINI, 2007, p 22)

3.1 OS TIPOS DE DOCUMENTÁRIO

Cada produção cinematográfica possui uma forma de expressar suas narrativas. Dentro do gênero documentário, Bill Nichols (2005) aponta seis tipos de subgêneros. Tratam-se dos modos poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

O modo expositivo será o mais explorado nesse documentário, devido a seu modo didático de apresentar os fatos históricos. Contudo, é importante que se conheça as formas e características dos demais modos, para analisar e compreender as fronteiras e conexões entre

os subgêneros. Nichols (2005) também defende que um documentário não é perfeitamente enquadrado em um subgênero, e sim, criado por elementos de diversos subgêneros.

Historicamente, o modo poético foi o primeiro tipo identificado de documentário no início da década de 1920. Nele, reuniam-se fragmentos do mundo de forma poética, abstrata: a divisão do tempo e espaço se apresentava em diversas perspectivas, seguindo as concepções do movimento modernista da época. Como toda forma documental, esta também tem suas particularidades, como Nichols (2005, p.141) apresenta em “Introdução ao documentário”: “O modo poético tem muitas facetas, e todas enfatizam as maneiras pelas quais a voz do cineasta dá a fragmentos do mundo histórico uma integridade formal e estética peculiar ao filme”.

Já no modo expositivo, percebe-se a necessidade de criar uma narrativa argumentativa, abandonando a estrutura poetizada e criando elementos como a *voz over*, em que o narrador conta a história apresentada, mas não é visto. Outro meio é a narração como comentário de autoridades, em que, além de ouvir, é possível ver quem fala - elemento usado no documentário produzido como trabalho prático. No tipo expositivo, nota-se que as imagens exibidas apenas servem como argumento para a fala e não o contrário (lógica tradicional do cinema). Os comentários representam a perspectiva do cineasta e, tudo o que é falado é, na verdade, o argumento do filme. O jeito de falar dos narradores - sério e com voz treinada - dá maior credibilidade, pois torna-os capazes de demonstrar distanciamento do tema através da aparente indiferença, neutralidade e, sobretudo, onisciência.

Na década de 1960, é a vez do modo observativo ser mais explorado pelos documentaristas. Nesta fase, os filmes abandonam a *voz over*, as músicas, os efeitos sonoros, as situações repetidas e até mesmo as entrevistas. O modo observativo surgiu da necessidade de um documentário em que o espectador possa assistir a acontecimentos sem maiores

intromissões. Desta forma, fica a cargo do próprio espectador tomar para si a compreensão da importância e do significado daquilo a que assiste. O modo observativo dá ao público a impressão de que aquilo a que ele assiste acontece sem a intromissão do cineasta; por outro lado, isso provoca um questionamento maior, dado que toda a interação a que se assiste provém da presença da câmara e do cineasta, alterando a aura de distanciamento que o observativo provoca. É possível encontrar documentários em que cenas são construídas e gravadas de modo observativo, como Bill Nichols (2005) aponta:

Um exemplo é a cena de *Kenya boran*, em que, sem prestar atenção ao câmara, mas de acordo com as linhas gerais determinadas antes da filmagem começar, dois membros de uma tribo queniana discutem as medidas de controle de natalidade adotadas pelo governo. (NICHOLS, 2005, p. 150)

Também nos anos 1960, no modo participativo, o cineasta vira personagem do documentário, ao passo que este tipo é mais semelhante ao trabalho etnográfico pelo fato de o cineasta ir a campo. O documentário participativo se difere principalmente porque não apresenta a *voz over*, é mais ligado ao real, do que o modo poético, e sai da observação para ser algo vivo e não só uma visão. A presença do cineasta assume importância fundamental.

Questionando a forma fundamental dos documentários, o modo reflexivo surge no final da década de 1980. Dessa vez, a relação do cineasta é com o espectador, segundo Nichols (2005). Ele dialoga com o público, lidando mais com crenças e suposições, do que acrescentado conhecimento e ensinando sobre o tema. Para isso, ele consegue transformar o familiar em algo que causa um estranhamento em quem assiste. Neste tipo, o documentário pede para ser visto mais como representação do que como forma de enxergar o mundo. Isto é, ele trata de situações conhecidas, mas tenta provocar alguma reflexão sobre o tema por meio da forma que é realizado. Nichols explica como isso é desenvolvido no trecho do seu trabalho, “Introdução ao documentário” (2005).

[...] em *O homem da câmara*, Dziga Vertov demonstra como a impressão de realidade vem a ser construída, começando com uma cena do câmara, Mikhail Kaufman, filmando pessoas andando numa carruagem puxada por cavalos de dentro

de um carro que anda paralelamente à carruagem. Vertov, então, corta para uma sala de montagem, onde a montadora, Ekizaveta Svilova, mulher de Vertov, une as tiras do filme que representam esse acontecimento naquela seqüência que, presumivelmente, acabamos de ver. O resultado global desconstrói a impressão de acesso desimpedido à realidade e convida-nos a refletir sobre o processo pelo qual essa impressão é construída por meio da montagem. . (NICHOLS, 2005, p. 165)

O último modo documental, realizado no final da década de 1980, trouxe a arena do conhecimento do mundo para os âmbitos afetivos e subjetivos. No modo performático, o real e o imaginado tornam-se comuns. Ou seja, acontece um pequeno desvio da lógica realista para se seguirem momentos poéticos, indo para o subjetivo. É mostrado mais o emocional do que a realidade em comum, como se os personagens falassem deles para o público, ao contrário do que acontecia com os documentários expositivos, em que se contava de um grupo de pessoas para o público. Fazendo-se uma comparação, o modo performático se parece muito com o cinema experimental, principalmente pela expressividade em levar o expectador através do histórico para o abstrato.

4. O MOVIMENTO OCUPA UFJF

4.1 FORMAÇÃO E PAUTAS

O movimento Ocupa UFJF surgiu da necessidade estudantil de se mobilizar em um momento de ausência do Diretório Central dos Estudantes, em defesa de direitos estudantis que estavam sob ataque.

Em maio de 2015, a reitoria da UFJF anunciou que, devido a problemas orçamentais, as bolsas de apoio estudantil não seriam pagas, forçando centenas de estudantes a se endividar para pagar suas contas. Buscando discutir soluções para o corte, os alunos se reuniram em uma Assembléia Estudantil. Ciente da mobilização, a reitoria agendou uma reunião com os alunos para o dia 18 de Maio.

Ao chegar para a reunião, os estudantes se decepcionaram com a ausência do reitor. Durante mais de quatro horas, foram debatidos os principais anseios estudantis. Insatisfeitos com as respostas obtidas, os estudantes presentes decidiram por ocupar a reitoria.

Suas principais pautas eram: respeito ao edital do Apoio Estudantil, maior segurança na universidade, maior transparência na gestão da reitoria, questionamentos quanto à prioridades das obras da UFJF e agilidade no processo de entrega da Moradia Estudantil.

Na primeira reunião feita dentro da ocupação foram discutidas as regras que os ocupantes deveriam seguir. Dentre elas, o princípio da horizontalidade do movimento excluía possibilidades de liderança dentro da ocupação. Assim, por mais que alguns estudantes tivessem o interesse de trazer bandeiras próprias para compor a ocupação, o movimento não seria pautado por um grupo político específico e teria seus rumos sempre decididos pelo voto da maioria, em assembléia.

Esse mecanismo permitiu que estudantes que tinham primeiro contato com a luta estudantil não se desestimulassem pela possibilidade de estarem sendo representados por bandeiras que não lhes conviesse. Esse princípio, no entanto, não impediu que grupos da universidade rotulassem a ocupação como um movimento de esquerda, o que gerou um contra-movimento intitulado de Ocuba UFJF, que mais tarde, viria a se renomear para Direita UFJF.

4.2 OCUPAÇÃO COMO REINVIDICAÇÃO POLÍTICA

Movimentos de ocupação, devido a atípica apropriação de um espaço, frequentemente são acusados de serem invasões. As diferenças entre os termos vai muito além de uma questão de escrita, pela carga pejorativa atribuída à palavra invasão.

INVASÃO, de certo, possui um sentido construído em torno de alguma ilegalidade. Como afirmam os dicionaristas, denota algo contrário ao juízo de valor social, algo reprovável. De seu turno, a OCUPAÇÃO mitiga essa ilegalidade e nos põe a par de um sentido mais brando, é posse legalizada de algo; significaria ter a posse legal de uma coisa abandonada ou ainda não apropriada. Ocupação, aliás, possui até mesmo um sentido outro: o de trabalho, de labor, de emprego de força intelectual ou física para auferir renda ou para produção de algo. (ALMEIDA, 2006, p. 1)

Sendo a reitoria o centro administrativo da universidade, e também um prédio público, como poderia um movimento reivindicatório de direitos, composto e liderado pelos alunos da instituição, ser caracterizado como invasão?

A ocupação como reivindicação de direitos é artifício legítimo estudantil, e o acontecimento na reitoria da UFJF em 2015 encontra semelhantes em todo o país: é o caso das ocupações das escolas de São Paulo no ano de 2015 e 2016, em que, frente à proposta de fechamento de diversas escolas públicas, estudantes secundaristas se mobilizaram de forma a ocupar a escola, impedindo seu fechamento e expondo seus contrapontos.

4.3 AÇÕES E DIÁLOGOS

Após se decidir sua divisão em comissões, dentre elas Alimentação, Segurança, Comunicação, Relações Externas, Relações Internas, Apoio Estudantil, Combate à Opressões, Negociação, entre outras, o Ocupa UFJF se tornou responsável por diversas frentes de luta.

Uma das frentes expunha a gravidade do não-pagamento das bolsas de apoio estudantil e cobrava providências da reitoria. A luta foi responsável por uma das primeiras conquistas do movimento, um auxílio-emergencial conquistado no valor de 1,3 milhões de reais, a ser pago aos estudantes apoiados ingressantes pelos grupos A e B (renda mínima familiar per capita de um salário mínimo e meio).

Outra das frentes de ação foi responsável por sensibilizar a gestão da reitoria sobre a importância de a universidade garantir acessibilidade à comunidade transexual, o que resultou, por parte da reitoria, na criação da campanha “Libera meu Xixi”, que visou conscientizar a comunidade dos direitos de transexuais e garantir o acesso dos mesmos ao banheiro correspondente à sua identidade de gênero. Essa campanha, apesar de ter perdido força de divulgação no ambiente da universidade, ainda vigora.

Uma terceira frente de ação lutou para agilizar o processo de entrega da Moradia Estudantil. Anunciada em 2009, as estimativas eram que os dois prédios construídos comportariam cerca de 220 estudantes. Em junho de 2014, as obras da primeira unidade ficaram prontas. A expectativa, na época, era de que, dentro de um prazo de 60 dias, as moradias fossem ocupadas, pois era necessária a criação de uma comissão que definisse as normas de ocupação. Porém, até hoje, nenhum dos prédios foi disponibilizado aos estudantes. O Ocupa UFJF indicou membros para compor a Comissão da Moradia Estudantil,

responsável por discutir os termos e condições para o uso da moradia, bem como apontar necessidades de reparos e obras.

Essas foram algumas das muitas ações impulsionadas pelo movimento Ocupa UFJF. Dentre outras, destaca-se a campanha “Onde está o Chebli?”, composta por peças gráficas e vídeos que questionavam a baixa frequência de participação do reitor Júlio Chebli nas reuniões com o movimento e na atividade de reitor em geral.

4.4 CARTA-COMPROMISSO

Ao fim de dezesseis dias, prolongar a estadia na reitoria impactava não somente no estado físico e emocional dos estudantes, mas também prejudicava processos e prazos nas Pró-Reitorias. Frente à inviabilidade de manter a ocupação até que os objetivos tivessem sido cumpridos, o movimento elaborou uma carta-compromisso¹, listando itens e anseios da comunidade estudantil para com a então gestão da reitoria.

Após eleições para reitor ocorridas em 2016, a UFJF conheceu uma nova equipe para a reitoria, encabeçada pelo o professor e economista Marcos Vinícius David e a professora e enfermeira Girlene Alves da Silva, nos cargos de reitor e vice-reitora, respectivamente. Segue entre os estudantes a esperança de que a nova gestão da reitoria tenha mais respeito pela carta-compromisso que seus antecessores.

¹ A carta-compromisso está disponível nos Anexos

5. DA CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO AO PRODUTO FINAL

5.1 PROJETO INICIAL

Ao longo da Faculdade de Comunicação Social, desenvolvi grande interesse pela área de audiovisual, o que me fez buscar uma história para ser retratada em meu trabalho final a ser produzido. Inicialmente pensado como uma grande compilação da luta estudantil na UFJF no período de 2015, a ideia de contar a luta do Ocupa UFJF veio de forma natural e orgânica, visto que participei do setor de Comunicação do movimento e pude acompanhar a importância da luta estudantil para a universidade pública de qualidade. Assim, o produto final se aprofundou e se especificou a partir de depoimentos dos estudantes que compuseram o Ocupa UFJF.

A produção, cinegrafia e edição do documentário, somados à pesquisa atrelada à história, à pesquisa referente à produção de documentário e à pesquisa referente ao memorial a ser escrito no período de um semestre - sem a presença de um coautor - foi um grande desafio que marcou a conclusão de meu curso. O trabalho final, a ser entregue em arquivo .mp4 High Definition, é o resultado de meu trabalho nesse semestre.

5.2 EQUIPAMENTOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Foram utilizados, para a produção do documentário, recursos audiovisuais próprios, além de empréstimos feitos por pessoas físicas. Para a gravação, foram utilizadas as câmeras Canon EOS 60D e Canon EOS 7D, acompanhada das lentes Canon EF 18-200mm F 3.5-5.6 e Canon EF 50mm F 1.8. Para complementar os sets de gravações, foram utilizados tripés, monopés e painéis de iluminação.

As técnicas referentes a imagem vieram de forma natural, buscando sempre retratar o entrevistado de forma a seguir a regra dos terços da composição fotográfica, dando espaço maior a frente de seu rosto. Foram utilizadas duas câmeras simultâneas durante as gravações, possibilitando o corte entre elas para gerar dinamismo e ritmo na edição.

A ilha de edição que realizou a edição do produto final recebeu cerca de 200 GB em conteúdo (principalmente arquivos de vídeo com as filmagens, mas também trilha-sonora, fotos e vídeos da página do Ocupa UFJF no Facebook e Youtube, entre outros).

A ilha segue a seguinte configuração: Dell XPS 8700 Processador Intel(R) Core(TM) i5-4440 CPU @ 3.10GHz. Adobe Premiere Pro CS6 foi o programa utilizado para a edição.

5.3 ENTREVISTAS

Todas entrevistas realizadas foram presenciais, gravadas entre os dias 15 de janeiro e 16 de fevereiro de 2016, conforme previamente estipulado na agenda de gravação. Para a condução das entrevistas, foram tomados por base os conceitos do cineasta Eduardo Coutinho, buscando depoimentos mais humanizados.

O cinema de Eduardo Coutinho escancara o caráter de discurso que os documentários "sociológicos" se esforçavam por ocultar. Sobretudo porque seus filmes não falam de fora, mas de dentro da relação do cineasta com os personagens que retrata. É desfeita a distância entre sujeito e objeto do conhecimento que legitimava o saber dos primeiros documentários e que ainda impregna o espírito de parte da produção do gênero. (FROCHTENGARTEN, 2009, P.1)

Assim, buscou-se gravar em ambientes familiares aos entrevistados, muitas vezes nos próprios arredores da reitoria da UFJF. As entrevistas buscavam ser diretas, focando nas

questões fundamentais a cada entrevistado, porém sem deixar de utilizar o tom informal de conversa para garantir menor estranhamento dos entrevistados frente à câmera.

O critério de seleção de entrevistados teve grande relação com o nível de protagonismo da pessoa em cada momento da ocupação. A gravação inicial foi feita a partir da entrevistada Mylena Melo, componente fundamental à comunicação do Ocupa UFJF. A partir de seu depoimento, foram delineados os temas mais importantes a serem abordados e delimitou-se quem seriam os entrevistados mais capacitados (com base no quão atuante foi nas diferentes pautas a serem abordadas) para falar sobre cada um dos assuntos. Seguindo esses depoimentos-chave, que nortearam e fundamentaram o documentário, surgiu a necessidade de complementar com outras visões alguns momentos mais específicos da história. A partir daí surgiram entrevistados que ofereceram depoimentos menores, porém mais precisos e específicos sobre um determinado acontecimento ou ação.

5.4 ROTEIRO E MONTAGEM FINAL

Uma vez de posse dos depoimentos, iniciou-se o processo de montagem. Após assistir diversas vezes às entrevistas, destacamos as partes de maior interesse para a história de cada entrevistado. Cada entrevista foi pensada de forma a dar voz complementar a uma narração em off, pontuando momentos específicos que não caberiam ao narrador relatar.

O roteiro inicial foi baseado em um esqueleto com uma linha narrativa cronológica dos fatos. Foi criado a partir de uma lógica dividida em antes da ocupação, durante a ocupação e depois da ocupação.

Diversos elementos compuseram o processo de edição: 1 - Entrevistas em vídeo gravadas; 2 - Áudio da entrevista, gravado a parte, sincronizado; 3 - Vídeos e imagens

autorais feitas da UFJF; 4 – Vídeos e imagens de arquivo divulgados na página do Facebook do Ocupa UFJF; 5 – Vídeos e imagens de arquivo divulgados no canal do YouTube da TV UFJF; 6 – Intervenções visuais e efeitos; 7 – Trilha sonora gratuita disponibilizada online.

6. CONCLUSÃO

A proposta de retratar em vídeo os motivos que levaram estudantes da UFJF a ocupar a reitoria da universidade no ano de 2015 veio acompanhada da responsabilidade em lidar com o tema. O movimento estudantil possui diversas barreiras e dificuldades em suas lutas, principalmente por uma repulsa do próprio estudante à grupos politizados.

A criação do Ocupa UFJF em um momento que os estudantes não tinham o suporte do Diretório Central dos Estudantes foi fundamental para que as pautas, tão urgentes, não fossem silenciadas e reverberassem em toda a universidade.

Revisitar a história da ocupação foi, no entanto, um processo agradável, uma vez que seus participantes se recordam dos dias de ocupação como prazerosos. Esse prazer não tem origem nos motivos que geraram a ocupação – por exemplo, os desrespeitos com a assistência e com a moradia estudantil -, mas sim na construção coletiva dos estudantes para atingir um objetivo maior: uma universidade mais justa e igualitária.

O ambiente da ocupação reunia estudantes dos mais diversos cursos tendo, enfim, uma vivência comum na universidade. A noção de que todos estudantes fazem parte de uma mesma esfera e que, portanto, devem se unir em prol de aperfeiçoar a instituição, se perde quando o estudante se distancia do movimento estudantil, se fechando em seus institutos e projetos próprios, sem refletir sobre a condição de estudo dos demais universitários.

Durante o processo, os estudantes puderam reter conhecimentos valiosos que nem sempre lhe são apresentados durante o curso, como os direitos estudantis, as fronteiras entre o público e o privado e a importância da relação entre a universidade e a comunidade juizforana.

O documentário busca apresentar ao espectador a importância de o estudante se mobilizar, seja por meio de Centros e Diretórios Acadêmicos (CA/DA), por participação junto ao Diretório Central dos Estudantes (DCE), por comparecimento aos encontros do Conselho de Centros e Diretórios Acadêmicos (CONCADA), por reuniões com os diversos coletivos dos institutos ou mesmo por iniciativa independente.

A produção dessa obra foi muito mais trabalhosa e intensa do que o inicialmente planejado por se tratar de um assunto delicado, que carece de fontes e dados atualizados e que tange à disputa político-partidária em que nosso país se encontra imerso.

O documentário não foi produzido apenas com o objetivo de obter meu grau de bacharel em Comunicação Social, mas também para ser disponibilizado online, para que possa reverberar na comunidade estudantil - não como forma de enaltecer ou louvar o movimento, mas de mostrar ao estudante da universidade o poder de reivindicação que o movimento estudantil atinge quando luta de forma unificada.

REFERÊNCIAS

- FIGEMBAUM, Jones. **Movimento Estudantil Universitário**: História do Diretório Central de Estudantes da Univates. Lajeado: Univates, 2012.
- CAMACHO, Thimoteo. **A Universidade Pública no Brasil**. Santiago: Universidad de Chile, 2005.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Movimento estudantil brasileiro**: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 66. Coimbra: CES Universidade de Coimbra, 2003. p. 117-149 (disponível em: <http://rccs.revues.org/1151>)
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. 2. ed Campinas: Editora Papyrus, 2005.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.
- PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário**: Da Pré à Pós Produção. Campinas: Papyrus, 2009.
- ALMEIDA, Guilherme do Couto de. **Invasão ou ocupação?**: Ensaio sobre a função social da propriedade. Teresina: Jus Navigandi, 2006.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método**: uma conversa com Eduardo Coutinho. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009
- BORDWELL, David. **O Cinema Clássico Hollywoodiano**: Normas e Princípios Narrativos. Tradução de Fernando Mascarello. In: RAMOS, Fernão. **Teoria Contemporânea do Cinema**, vol. 2. São Paulo: Senac, 2005. p. 277-301.
- FORSTER, E.M. **Aspects of the novel**. Cambridge: Edward Arnold, 1927.
- XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico**: A Opacidade e a Transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.
- KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Tradução de Fabiano Morais, Lívia de Almeida, Paulo Polzonoff Jr. e Pedro Jorgensen. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

JAGUARIBE, Beatriz. **O Choque do Real**: estética, mídia e cultura. Rocco, 2007.

DÁ-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DA NARRAÇÃO

ANEXO B – CARTA-COMPROMISSO

ANEXO A – Roteiro da narração

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA FOI CRIADA EM MIL NOVECENTOS E SESSENTA POR DECRETO DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK, COM O OBJETIVO DE SE TORNAR UM POLO ACADÊMICO E CULTURAL, BENEFICIANDO UMA REGIÃO COM DOIS MILHÕES E QUINHENTOS MIL HABITANTES /

ATUALMENTE, EM DOIS MIL E DEZESSEIS, A UNIVERSIDADE POSSUI CERCA DE DEZOITO MIL ESTUDANTES, E EMPREGA CERCA DE MIL E QUATROCENTOS PROFESSORES, MIL E QUINHENTOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS, ALÉM DE FUNCIONÁRIOS TERCEIRIZADOS /

EM DOIS MIL E DEZESSETE, A UFJF ADERIU AO PROGRAMA DE APOIO A PLANOS DE REESTRUTURAÇÃO E EXPANSÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS, O REUNI, QUE AMPLIOU O NÚMERO DE VAGAS ESTUDANTIS, BOLSAS E PROFESSORES /

HOJE A UFJF SE ENCONTRA ENTRE AS 20 MELHORES UNIVERSIDADES DO PAÍS SEGUNDO O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO /

REITOR POR DUAS GESTÕES, HENRIQUE DUQUE DE MIRANDA CHAVES FILHO EMPREENDEU NA UFJF DE DIVERSAS FORMAS /

EM UM PRIMEIRO MOMENTO, FAVORECIDO POR UMA CONJUNTURA NACIONAL DE INVESTIMENTO NO ENSINO PÚBLICO, COLABOROU COM A LUTA POR RECURSOS PARA A UFJF COM A APROVAÇÃO DE OBRAS E ORÇAMENTOS /

AS TORNEIRAS ABERTAS DURANTE A GESTÃO DUQUE FORAM IMPORTANTES PARA POSSIBILITAR OBRAS NA UNIVERSIDADE, PORÉM COM O TEMPO AS PRIORIDADES DAS OBRAS COMEÇARAM A SER FORTEMENTE QUESTIONADAS /

A MORADIA ESTUDANTIL, POR EXEMPLO, ANUNCIADA EM DOIS MIL E NOVE, ATÉ HOJE NÃO FOI CONCLUÍDA /

PARA SUA ENTREGA, ALÉM DA FORMULAÇÃO DAS NORMAS DE USO, SÃO NECESSÁRIO REPAROS E AJUSTES EM DIVERSOS LOCAIS /

O DESCASO NA ENTREGA DA MORADIA SE CONTRASTA COM ALGUNS ORÇAMENTOS ENCONTRADOS NO DIAGNOSTICO DAS OBRAS DA UFJF DIVULGADO EM MAIO DE DOIS MIL E DEZESSEIS /

LÁ ESTÃO PRESENTES OBRAS DE MENOR URGÊNCIA PARA O ESTUDANTE, COMO O PLANETÁRIO, CUSTEADO EM QUATORZE MILHÕES DE REAIS, UM TELEFÉRICO PARA O JARDIM BOTÂNICO, CUSTEADO EM VINTE OITO MILHÕES DE REAIS, E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PRÉDIO PARA A REITORIA, COM ORÇAMENTO APROVADO DE CINQUENTA E SEIS MILHÕES DE REAIS /

A SEGUNDA GESTÃO DUQUE TERMINOU EM DOIS MIL E QUATORZE /

O PRÓXIMO REITOR A ASSUMIR A CADEIRA VIRIA A SER SEU INDICADO, O PROFESSOR E MÉDICO JÚLIO MARIA FONSECA CHEBLI /

A CONJUNTURA DA GESTÃO CHEBLI, NO ENTANTO, LOGO DE INÍCIO SE CONTRASTOU COM A GESTÃO DUQUE /

EM UM CENÁRIO NACIONAL MAIS ACIRRADO DEVIDO AOS CORTES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FEITOS PELO SEGUNDO GOVERNO DILMA, O REITOR NÃO TEVE A MESMA FACILIDADE EM OBTER RECURSOS QUE SEU ANTECESSOR /

AS DIFICULDADES ESTAVAM POR VIR, NO MOMENTO QUE O ESTUDANTE PERDIA SUA MAIS IMPORTANTE FERRAMENTA DE LUTA, O DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES /

APESAR DE SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDANTE DA UFJF, AO FIM DO PROCESSO ELEITORAL PARA O DCE, EM FEVEREIRO DE DOIS MIL E QUIZE, O CONCADA, CONSELHO DE CAS E DAS, VOTOU POR ANULAR A ELEIÇÃO /

EM MAIO DE DOIS MIL E QUINZE A REITORIA DA UFJF ANUNCIOU QUE DEVIDO A PROBLEMAS ORÇAMENTAIS, BOLSAS DE APOIO ESTUDANTIL NÃO SERIAM PAGAS, O QUE OBRIGOU CENTENAS DE ESTUDANTES A SE ENDIVIDAR OU ATRASAR O PAGAMENTO DE CONTAS, FERINDO O DIREITO A PERMANÊNCIA DO ESTUDANTE /

A UNIVERSIDADE, QUE OUTRORA SE COMPROMETERA COM POLÍTICAS DE COTAS SOCIAIS, ATINGIA JUSTAMENTE OS ALUNOS MAIS NECESSITADOS COM OS CORTES /

O CLIMA ERA DE REVOLTA, MESMO ENTRE OS ESTUDANTES NÃO-APOIADOS, POR ACOMPANHAREM A DIFÍCIL SITUAÇÃO DE SEUS COLEGAS /

A RESPOSTA VEIO PELA CONVOCAÇÃO DE UMA ASSEMBLEIA ESTUDANTIL EM QUE OS ESTUDANTES CENTRALIZARAM SUAS INDIGNAÇÕES /

A REITORIA, PRESSIONADA, AGENDOU UMA REUNIÃO COM OS ALUNOS /

A REUNIÃO, MARCADA PARA O DIA DEZOITO DE MAIO DE DOIS MIL E QUINZE, ACONTECEU NO ANFITEATRO DA REITORIA, E ESTÁ DISPONÍVEL INTEGRALMENTE ONLINE /

SERIA A PRIMEIRA DE MUITAS REUNIÕES A SEREM TRANSMITIDAS EM TEMPO REAL VIA STREAMING /

A FRUSTRAÇÃO ESTUDANTIL COMEÇOU LOGO QUE A EQUIPE DA REITORIA PRESENTE ANUNCIOU A AUSÊNCIA DO REITOR JÚLIO CHEBLI NA REUNIÃO /

DURANTE CINCO HORAS, OS CLAMORES DOS ALUNOS, QUE ENVOLVIAM PAGAMENTO EMERGENCIAL DAS BOLSAS DE APOIO ESTUDANTIL, MAIOR SEGURANÇA NO CAMPUS, MAIOR TRANSPARÊNCIA POR PARTE DA GESTÃO COM AS CONTAS PÚBLICAS, QUESTIONAMENTOS DA PRIORIDADE DAS OBRAS DA UNIVERSIDADE, LIBERAÇÃO DA MORADIA ESTUDANTIL, ENTRE OUTRAS PAUTAS, NÃO FORAM RESPONDIDAS DE FORMA SATISFATÓRIA POR PARTE DA REITORIA /

COM TANTOS PROBLEMAS A SEREM DISCUTIDOS, DESMOBILIZADOS PELA AUSÊNCIA DO DCE, E FRENTE À RESPOSTAS TÃO VAGAS POR PARTE DA REITORIA, RETORNAR

PARA CASA E AGUARDAR A BOA VONTADE DOS GESTORES SE MOSTRAVA INCONCEBÍVEL /

AO FIM DA REUNIÃO SURGIA O CLAMOR PELA NECESSIDADE DE UMA OCUPAÇÃO DA REITORIA /

OS ESTUDANTES SE ORGANIZARAM NO PRÓPRIO AUDITÓRIO E DEFLAGRAM, ENTÃO, O MOVIMENTO OCUPA UFJF /

A NOITE POSTERIOR À REUNIÃO SERIA LONGA /

APÓS OCUPAR O SAGUÃO DA REITORIA, OS ESTUDANTES SE REUNIRAM NA PRIMEIRA DAS MUITAS ASSEMBLEIAS ESTUDANTIS QUE OCORRERIAM DENTRO DA OCUPAÇÃO /

ALI FORAM DISCUTIDOS TÓPICOS COMO A HORIZONTALIDADE DO MOVIMENTO, AS COMISSÕES QUE COMPORIAM A OCUPAÇÃO; A FORMA QUE RESPONDERÍAMOS À IMPRENSA; A SERIEDADE E RESPONSABILIDADE COM O ESPAÇO FÍSICO DA REITORIA; O CALENDÁRIO DE AÇÕES PARA OS PRÓXIMOS DIAS; E AS PRINCIPAIS FRENTE DE LUTA DA OCUPAÇÃO, COMO O CUMPRIMENTO DO APOIO ESTUDANTIL, A AMPLIAÇÃO DA SEGURANÇA NO CAMPUS, O RESPEITO COM A TRANSPARÊNCIA DAS CONTAS PÚBLICAS E A MAIOR PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESTUDANTIL NAS DECISÕES DA REITORIA, PRINCIPALMENTE REFERENTE À ENTREGA DA MORADIA ESTUDANTIL /

A GESTÃO ELEITA DA REITORIA SE MOSTROU DISPOSTA A RESPEITAR O DIREITO DO ESTUDANTE EM SE MANIFESTAR POR MEIO DE UMA OCUPAÇÃO /

O QUE NÃO SIGNIFICOU QUE A OCUPAÇÃO TENHA SIDO INTEGRALMENTE RESPEITADA PELOS GESTORES /

O PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO, ALEXANDRE ZANINI, AO SER PRESSIONADO QUANTO À TRANSPARÊNCIA DA GESTÃO, TEVE UM E-MAIL VAZADO, EM QUE SE REFERIA A OCUPAÇÃO COMO UM CIRCO ARMADO POLITICAMENTE /

O ESTUDANTE QUE SE ENVOLVIA PELA PRIMEIRA VEZ NA LUTA POR DIREITOS ESTUDANTIS VIA NA CARTA DO PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO UM FORTE DESRESPEITO A SEUS ANSEIOS /

A REAÇÃO POR PARTE DO OCUPA UFJF VEIO POR MEIO DE UM VÍDEO, QUE IRONIZAVA O RÓTULO DE CIRCO E CONVIDAVA O PRÓ-REITOR A CONTRIBUIR COM A LUTA /

ESSA SERIA UMA DAS PEÇAS AUDIOVISUAIS UTILIZADAS PELA COMUNICAÇÃO DO OCUPA UFJF /

SUAS AÇÕES, EXPOSTAS PELA PÁGINA DO FACEBOOK, FORAM DIVERSAS /

UMA DAS CAMPANHAS MAIS DESENVOLVIDAS QUESTIONAVA A AUSÊNCIA DO REITOR JÚLIO CHEBLI, NÃO SÓ NAS REUNIÕES COM A OCUPAÇÃO, MAS NO CARGO DE REITOR /

A COMUNICAÇÃO ERA UMA DAS COMISSÕES QUE COMPUNHAM A DIVISÃO DO OCUPA UFJF /

A DIVISÃO, DECIDIDA NA PRIMEIRA ASSEMBLEIA FEITA PELO MOVIMENTO, INCLUÍA MAIS OITO COMISSÕES /

UMA DAS FERRAMENTAS MAIS EXPLORADAS PELA COMUNICAÇÃO DO OCUPA UFJF FOI O STREAMING, OU SEJA, TRANSMISSÃO EM TEMPO REAL PELA INTERNET /

ASSIM, É POSSIBILITADO ACOMPANHAR REUNIÕES DE QUALQUER LUGAR COM ACESSO À INTERNET, PERMITINDO, POR EXEMPLO, A MAIOR PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES DO CAMPUS GOVERNADOR VALADARES, ALÉM DE MANTER O REGISTRO ONLINE DAS REUNIÕES /

POR MEIO DO STREAMING, O OCUPA UFJF CRIOU O PROGRAMA ONLINE “MINHA CASA, MINHA REITORIA” /

O PROGRAMA FOI PELA PRIMEIRA VEZ AO AR NO DIA SEGUINTE À OCUPAÇÃO, COM A PROPOSTA DE APRESENTAR AS PAUTAS DA LUTA ESTUDANTIL, APRESENTAR OS NÚCLEOS QUE COMPUNHAM A OCUPAÇÃO, BEM COMO SUAS AÇÕES, E DISCUTIR COM CONVIDADOS A SITUAÇÃO DA UFJF /

COM CERCA DE DUAS HORAS DE DURAÇÃO, O PROGRAMA CHEGOU A TER OITO EDIÇÕES, TODAS DISPONÍVEIS NO CANAL OCUPA UFJF /

ESTÃO DISPONIBILIZADOS TAMBÉM NO YOUTUBE TODAS AS REUNIÕES REALIZADAS ENTRE A OCUPAÇÃO E A REITORIA, TOTALIZANDO MAIS DE QUATORZE HORAS DE ARQUIVO /

UMA DAS LINHAS DE ATUAÇÃO DA OCUPAÇÃO BUSCAVA EXPOR A GRAVIDADE DO NÃO-PAGAMENTO DE BOLSAS DE APOIO ESTUDANTIL, E FOI RESPONSÁVEL POR UMA DAS PRIMEIRAS CONQUISTAS DO MOVIMENTO, A LIBERAÇÃO DE UM AUXÍLIO-EMERGENCIAL NO VALOR DE UM MILHÃO E TREZENTOS MIL REAIS, A ESTUDANTES QUE POSSUAM RENDA FAMILIAR BRUTA PER CAPITA DE ATÉ UM SALÁRIO MÍNIMO E MEIO /

UMA SEGUNDA FRENTE DE AÇÃO COBRAVA DA INSTITUIÇÃO SUPORTE A ESTUDANTES TRANSEXUAIS, QUE RESULTOU NA CAMPANHA LIBERA MEU XIXI, QUE GARANTE ACESSO DESSES ESTUDANTES AO BANHEIRO CORRESPONDENTE AO SEXO COM QUE SE IDENTIFICAM /

OUTRA FRENTE DE AÇÃO BUSCAVA AGILIZAR A LIBERAÇÃO DA MORADIA ESTUDANTIL, OXIGENANDO A COMISSÃO QUE AVALIAVA A QUALIDADE DO PROJETO E APONTAVA NECESSIDADES DE OBRAS E REPAROS /

APÓS MAIS DE DUAS SEMANAS DE OCUPAÇÃO, O DESGASTE FÍSICO E EMOCIONAL ERA VISÍVEL ENTRE OS ESTUDANTES /

PROLONGAR A ESTADIA NA REITORIA SIGNIFICAVA, TAMBÉM, PREJUÍZOS NO FUNCIONAMENTO DAS PRÓ-REITORIAS /

O OCUPA UFJF ELABOROU, ENTÃO, UMA CARTA-COMPROMISSO, EM QUE LISTAVA OS ANSEIOS E NECESSIDADES ESTUDANTIS, E PEDIA O COMPROMETIMENTO POR PARTE DA REITORIA /

NO DÉCIMO SEXTO DIA, A REITORIA SE COMPROMETEU EM ASSINAR A CARTA, E OS ESTUDANTES DESOCUPARAM O ESPAÇO FÍSICO DA REITORIA /

A CARTA-COMPROMISSO, NO ENTANTO, FOI MINIMAMENTE RESPEITADA PELA GESTÃO /

EM NOVEMBRO, CINCO MESES APÓS A DESOCUPAÇÃO, JÚLIO CHEBLI APRESENTOU AO CONSELHO SUPERIOR DA UFJF SUA CARTA DE RENÚNCIA /

SEU VICE, MARCOS VINÍCIO CHEIN FERES, ASSUMIU O CARGO ATÉ ABRIL DE DOIS MIL E DEZESSEIS, QUANDO FORAM REALIZADAS NOVAS ELEIÇÕES PARA REITOR, QUE ELEGEU O PROFESSOR E ECONOMISTA MARCOS VINÍCIUS DAVID E A PROFESSORA E ENFERMEIRA GIRLENE ALVES DA SILVA AO CARGO DE REITOR E VICE-REITORA DA UNIVERSIDADE /

APESAR DA CARTA-COMPROMISSO ELABORADA PELA OCUPAÇÃO TER SIDO ASSINADA APENAS PELA GESTÃO ANTERIOR, SEGUE ENTRE OS ESTUDANTES A ESPERANÇA DE QUE A NOVA GESTÃO TENHA MAIS RESPEITO PELAS REIVINDICAÇÕES ESTUDANTIS DO QUE SEUS ANTECESSORES /

APENAS EM JUNHO DE DOIS MIL E DEZESSEIS FORAM CONVOCADAS NOVAS ELEIÇÕES PARA O DCE / NO DIA SETE DE JULHO, FOI ELEITA A CHAPA MARCO ZERO PARA ASSUMIR A GESTÃO DE DOIS ANOS /

A BREVE HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL DE DOIS MIL E QUINZE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA ENSINOU MUITO AOS ESTUDANTES QUE ACOMPANHARAM O PROCESSO / LIDAR COM O QUE É PÚBLICO E SEUS DIREITOS E DEVERES É UM PROCESSO DELICADO / SEM REMUNERAÇÕES, CENTENAS DE ESTUDANTES SE MOBILIZARAM EM PROL DE UMA CAUSA ÚNICA: O RESPEITO AO DIREITO DO ESTUDANTE EM PERMANECER ESTUDANDO /

NÃO É NOSSA OBRIGAÇÃO FISCALIZAR SE AS AÇÕES DA REITORIA ESTÃO SENDO DESVIADAS PARA INTERESSES POLÍTICO-FINANCEIRO PARTICULARES, PORÉM O FAREMOS SEMPRE QUE NECESSÁRIO /

ESSA NÃO FOI A PRIMEIRA VEZ QUE A REITORIA DA UFJF FOI OCUPADA, E PROVAVELMENTE NÃO SERÁ A ÚLTIMA /

GESTORES, ESTAMOS DE OLHO /

ANEXO B – Carta-compromisso

Juiz de Fora, 03 de junho de 2015.

À Administração Superior da Universidade Federal de Juiz de Fora,

Hoje, dia 03 de junho de 2015, o movimento Ocupa UFJF completa 16 (dezesesseis) dias de ocupação da reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora (doravante UFJF). Foram 4 (quatro) reuniões abertas com a reitoria, das quais 3 (três) contaram com a presença do reitor Julio Chebli. Em reunião realizada na segunda-feira, 25 de maio, foram acordados 39 compromissos entre o movimento e a reitoria que já foram anteriormente divulgados, tanto pelo movimento quanto pela Administração Superior da UFJF. Esses compromissos anteriormente firmados e divulgados seguem em anexo à presente carta.

Ontem, dia 02 de junho, realizamos a última reunião de negociação em regime de ocupação, com pauta específica sobre o apoio estudantil permanente, sendo esta uma pauta prioritária do movimento. Sobre essa negociação, temos as seguintes pautas acordadas:

1- Mesmo após todo esse período de ocupação e de intensas negociações, a reitoria da UFJF não se comprometeu concretamente com a nossa principal proposta, a saber:

- Que todos os estudantes com perfil socioeconômico sejam apoiados, independente do orçamento.

Como contraproposta, a reitoria se compromete a:

- Empenhar todos os esforços orçamentários possíveis – incluindo remanejamentos no orçamento de outras Pró-Reitorias para o apoio estudantil, caso não seja possível atender a demanda por meios e recursos próprios da Pró-Reitoria de Apoio Estudantil e Educação Inclusiva;

- Atingir o valor de 18 milhões de reais previstos para os editais (atual e complementar) de 2015 do apoio estudantil, sendo que esse valor será integralmente aplicado no apoio estudantil;

- Considerando o orçamento previsto para o Apoio, caso haja menor demanda em relação aos recursos, contemplar uma nova chamada de estudantes com os recursos previstos;

- Buscar recursos para a PROAE junto ao MEC e outras fontes possíveis.

2 – A reitoria se compromete a fixar prazo máximo de 25 dias para lançamento do resultado do edital 01/2015. Este prazo deverá ser contado a partir do pregão para a contratação de assistentes sociais para a Pró-Reitoria de Apoio Estudantil e Educação Inclusiva. Este pregão, que já está em andamento, está sendo realizado seguindo as diretrizes da tabela de honorários estabelecidos pelo CFESS/CRESS.

3 – A reitoria acorda que será elaborado imediatamente (e publicado em sequência ao resultado do edital atual) edital complementar a fim de atender estudantes que, embora se encaixem no perfil socioeconômico, foram excluídos do Edital 01/2015. De acordo com compromisso firmado, tanto este edital complementar quanto os futuros editais serão elaborados por uma comissão com

participação estudantil paritária, com ênfase na discussão da inclusão dos seguintes pontos:

a) Que ingressantes das cotas A e B tenham entrada direta para o programa de assistência estudantil;
b) Que seja possível o pedido de apoio estudantil em diversas época do ano, mediante a conclusão das análises do edital atual (01/2015) com consequente diminuição do acúmulo da carga de trabalho da PROAE e ampliação do quadro de assistentes sociais.

c) Transparência em relação aos alunos apoiados, os métodos de seleção e seus desdobramentos, com explicitação dos motivos que levaram ao indeferimento.

4 – A Administração Superior se compromete a buscar junto ao Ministério da Educação, bem como no próprio orçamento de custeio da UFJF, o aumento de recursos para o apoio estudantil que possibilite o atendimento de todos os estudantes com o perfil socioeconômico.

5 – A reitoria se compromete a compartilhar informações referentes ao orçamento da universidade, garantindo transparência total dos dados para que a comunidade acadêmica tenha conhecimento real do orçamento e suas destinações.

6 – A Administração Superior se compromete a ampliar, sempre que possível e de acordo com as necessidades referentes às demandas do apoio, o quadro permanente de assistentes sociais, bem como a reestruturar a infraestrutura da Pró-Reitoria de Apoio Estudantil e Educação Inclusiva.

7 – A reitoria se compromete com o pagamento do auxílio emergencial até que saia o apoio permanente.

8 – A reitoria garante que estudantes contemplados nas modalidades Permanência e PNAES no edital 01/2015 tenham acesso livre aos Restaurantes Universitários.

9 – A reitoria se compromete a realizar reuniões mensais abertas com os estudantes, sendo a convocação das mesmas realizadas por carta com assinaturas da Reitoria e divulgada por mídias impressa e digital e enviada através de mala direta para o email de todos os estudantes, garantindo a publicidade da referida convocação.

10 – A reitoria se compromete com a não perseguição ou retaliação dos militantes do movimento Ocupa UFJF.

11 - A reitoria reconhece a falta de dados e projeções financeiras da universidade e se compromete com a futura existência e transparência dos mesmos.

Tendo em vista os acordos firmados anteriormente apresentados no arquivo em anexo, bem como aqueles firmados em reunião do dia 02 de junho de 2015 que compõem a presente carta, o movimento estudantil dá seu voto de confiança à Administração Superior enquanto continua sua luta articulada e mobilizada nos institutos, se comprometendo com a desocupação da reitoria no prazo de 24 (vinte e quatro) horas após a assinatura desta carta.

Compromissos firmados no dia 25/05/15 em reunião entre a reitoria e o movimento estudantil Ocupa UFJF:

Segurança

- Criação de fórum de segurança para discutir questões como o possível desarmamento da segurança no campus;
- Comprometimento, por parte da reitoria, de que a entrada da PM no campus só ocorrerá em casos extremos;
- Garantia de que não haverá repressão por parte da segurança da UFJF em relação aos (às) estudantes;
- Disponibilização de streaming das reuniões do CONSU para o melhor acompanhamento das deliberações por parte do corpo discente;
- Participação igualitária de estudantes e servidores no fórum de segurança;
- Garantia de melhorias imediatas na iluminação do campus da UFJF- campus de Juiz de Fora, caso o orçamento não necessite de licitações;
- Disponibilização de Circulares no período da noite no prazo de 15 dias;

Ações afirmativas

- Comprometimento, por parte da reitoria, em discutir sobre a inserção efetiva do nome social na reunião do CONSU.
- Emissão de nota de apoio a lei João Nery (Projeto de lei da identidade de gênero brasileira);
- Comprometimento de incentivar as discussões, junto ao CONGRAD, acerca da proposta de criação e introdução das disciplinas de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (entendendo, entretanto, que a efetividade dessa implementação cabe às coordenações de curso). Além disso, implementação de fórum de discussão sobre a disciplina junto a DIAF e inserção de apoio a criação da mesma no Plano de Desenvolvimento Institucional.
- Promoção de eventos nas unidades acadêmicas, em parceria com a DIAF e Pró-Reitoria de Extensão, para que se debata a importância da disciplina História e Cultura Afro-brasileira e Africana;
- Implementação imediata de placas inclusivas (inclusão de todos os gêneros nos banheiros feminino e masculino) nas portas dos banheiros da reitoria, como medida paliativa, até a abertura de licitações que possibilitem a distribuição em todas as unidades acadêmicas.

Obs: Lembrando que os institutos possuem autonomia para deliberar se vão colocar as placas nos banheiros ou não.

Transporte

Elaboração de documento oficial emitido pela reitoria em apoio à implementação do passe livre estudantil, que será entregue à prefeitura, na quarta-feira (27) pela manhã. A mesma atitude para a implementação de linhas diretas de ônibus no campus;

Obs: Esse documento será disponibilizado para o acesso dos estudantes.

- Promoção de um programa de reeducação no trânsito e inserção de faixas de pedestre e quebra-molas nas vias de tráfego dentro da universidade;
- Garantia da vinda de estudantes do campus de Governador Valadares, custeado pela reitoria, para o campus de Juiz de fora, em ocasião de reuniões estratégicas (Ex: CONCADAs, etc);

Moradia estudantil

Comprometimento de encaminhar para o CONSU todas as demandas referentes à moradia estudantil e garantia da representação estudantil nas decisões (Presença dos C.As e D.As);

Revisão das condições de acessibilidade aos portadores de quaisquer deficiências físicas e melhorias caso necessário;

Garantia de autonomia para o movimento estudantil retirar a listagem de repúblicas ocupadas por estudantes da UFJF, garantindo melhor controle do bem estar dos(as) estudantes. Além disso, o comprometimento, por parte da reitoria, de emitir cartas de recomendação caso quaisquer estudantes encontrem dificuldade para encontrar vagas em repúblicas (Ex: casos em que o dono da república exija um fiador);

Discussão acerca da possibilidade de autogestão compartilhada (diálogo entre estudantes e reitoria) no regulamento da moradia estudantil;

Ocupação da moradia estudantil no prazo de 4 a 6 meses, após a entrega do inventário pelo movimento estudantil (levantamento do que é necessário para garantir condições mínimas de habitação) e dinamização de melhorias estruturais, como pintura e demais reparos;5

Comprometimento, por parte da reitoria, na entrega da moradia estudantil;

Apoio estudantil

Garantia, por parte da reitoria, de transparência do orçamento para o apoio estudantil e de não haver cortes futuros na verba destinada ao apoio;

Comprometimento, assumido pela reitoria, no recebimento de apoio estudantil nos aos(às) estudantes, mediante avaliação socioeconômica e que essa análise seja realizada dentro de um prazo aceitável (a PROAE ainda não informou o tempo do

prazo);

- Elaboração de um edital mais inclusivo;
- Rompimento com o sistema de crédito do vale-transporte. O valor passará a ser depositado diretamente na conta do(a) estudante, facilitando com isso, o pagamento de retroativos caso ocorra algum problema;
- Direcionamento, mediante aprovação do Governo Federal, de recursos do CAED para o apoio estudantil;
- Pagamento permanente de todos os gastos essenciais para o funcionamento da universidade e remanejamento do excedente de verbas para o apoio;
- Elaboração de edital complementar e garantia de apoio estudantil para os estudantes das cotas A e B (mediante disponibilidade orçamentária);
- Criação de comissão, composta por estudantes, responsável pela análise do orçamento do apoio, junto à pró-reitoria de Planejamento, Orçamento e Gestão;
- Incorporação de novos (as) assistentes sociais na PROAE, com o intuito de agilizar a análise das documentações e acabar com a sobrecarga de trabalho desses(as) assistentes sociais;

Orçamento participativo

- Formação de uma comissão, composta por estudantes e membros da reitoria, responsável por acompanhar as diretrizes a serem tomadas em relação ao orçamento participativo;
- Regulamentação do orçamento participativo com o intuito de promover mesas de diálogo, audiências públicas, consultorias, etc;⁶

Paridade estatuinte

- Garantia de presença balanceada nos colegiados, ou seja, a participação de estudantes, técnicos e docentes, nas discussões deliberativas;

Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)

- Formação de comissão discente, de caráter permanente, para a discussão do Plano de Desenvolvimento Institucional;

Plano diretor

- Estabelecimento de uma ponte de diálogo entre a reitoria e os discentes na construção do Plano diretor;

Governador Valadares

- Criação de uma coordenadoria acadêmica, visto que já existe um diretor de campus (Pró-tempore) que irá atuar até o início do período eleitoral, período de escolha do novo diretor acadêmico;

- Remarcação de audiência pública para discussão do Plano de Desenvolvimento Institucional, com o intuito de garantir a presença dos(as) estudantes e da comunidade civil, a ser realizada na Câmara Municipal de Governador Valadares. Além disso, a garantia de envio de memorandos a todos (as) os (as) professores (as) e chefes de departamento, ressaltando a importância das audiências públicas;
- Comprometimento, por parte da reitoria, de averiguar as debilidades do Restaurante Universitário de Governador Valadares, na medida do que for viável realizar em caráter emergencial.